



7 • Correio Braziliense — Brasília, sexta-feira, 5 de setembro de 2025

Bolsas	Pontuação B3	Dólar	Salário mínimo	Euro	CDI	CDB	Inflação
Na quinta-feira	Ibovespa nos últimos dias	Na quinta-feira	Últimos	Comercial, venda na quinta-feira	Ao ano	Prefixado 30 dias (ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
0,81% São Paulo	141.283	29/agosto 5,422	R\$ 1.518	R\$ 6,347	14,90%	14,91%	Marco/2025 0,56
0,77% Nova York	140.993	1º/setembro 5,440					Abril/2025 0,43
	1/9 2/9 3/9 4/9	2/setembro 5,474					Mai/2025 0,26
		3/setembro 5,452					junho/2025 0,24
							Julho/2025 0,26

COMÉRCIO EXTERIOR

Vendas para os EUA têm queda de 18,5%

No balanço total, por outro lado, o país encerrou o mês de agosto com superávit de US\$ 6,1 bilhões. No ano, o saldo é de US\$ 42,8 bi

» RAPHAEL PATI
» FRANCISCO ARTUR DE LIMA
» EDLA LULA

Passado o primeiro mês desde a vigência da sobretaxa de 50% sobre os produtos brasileiros que entram nos Estados Unidos, as exportações para aquele país caíram 18,5% em valor e 8,5% em quantidade, na comparação com o mesmo mês de 2024. O resultado consta do relatório da Balança Comercial Brasileira de agosto, divulgado ontem (4), pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic).

Os dados gerais, no entanto, mostram que o país, até o momento, conseguiu contornar o impacto do tarifaço. A balança registrou saldo positivo de US\$ 6,1 bilhões, o que representa um crescimento de 35,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. As exportações totais do mês somaram US\$ 29,9 bilhões, enquanto as importações atingiram US\$ 23,7 bilhões. A corrente de comércio foi 1,2% superior a agosto de 2024, com movimentação total de US\$ 53,6 bilhões.

Segundo Herlon Brandão, diretor de Estatísticas e Estudos de Comércio Exterior, a retração no comércio com os EUA ocorreu após uma antecipação de embarques em julho, quando já se sabia que a nova taxa passaria a valer a partir de 6 de agosto. "É muito provável que isso esteja relacionado a uma maior tarifa, que gera um maior

nível de preços, uma redução de demanda, ao mesmo tempo em que o exportador brasileiro procura outros mercados", explicou. Um exemplo é o minério de ferro, que registrou queda de 100%, ou seja, o setor não exportou para os Estados Unidos no mês passado. As vendas de aeronaves e suas partes caíram 84,9%. O açúcar observou queda de 88,4%.

A venda de carne bovina fresca caiu 46,2%; a de máquinas de energia elétrica reduziu 45,6%; celulose teve redução de 22,7%, produtos semiacabados de ferro e aço, queda 23,4%; e madeira, 39,9%.

Ano

As informações do Mdic mostram que, apesar dos desafios pontuais, as exportações brasileiras alcançaram recorde histórico nos primeiros oito meses do ano, totalizando US\$ 227,6 bilhões, superando em 0,5% o valor registrado no mesmo período de 2024. A corrente de comércio acumulada atingiu US\$ 412,4 bilhões, crescimento de 3,2% em comparação com igual período de 2024, demonstrando a capacidade de adaptação do país diante das turbulências comerciais.

Em agosto, as exportações no setor da Indústria de Transformação voltaram a cair em relação ao mesmo mês do ano anterior. Nesta comparação, houve uma ligeira queda de 0,9%, com o último mês acumulando saldo de US\$ 15,8 bilhões. O valor obtido com

Efeito Tarifaço

A balança comercial de agosto tem saldo positivo de US\$ 6,1 bilhões. Mas exportações brasileiras aos Estados Unidos caem 18,5%

NÚMEROS DE AGOSTO (US\$)

Exportações: **29,9 BILHÕES**

Importações: **23,7 BILHÕES**

Saldo: **+ 6,1 bilhões**

MUDANÇA DE DESTINOS

Exportações para os EUA:

Total: **- 18,5%**

Minério de ferro: **- 100%**

Aeronaves e suas partes: **- 84,9%**

Açúcar: **- 88,4%**

Motores e máquinas não elétricos: **- 60,9%**

Carne bovina: **- 46,2%**

Novos mercados:

Índia: **+ 58%**

México: **+ 43,82%**

Argentina: **+ 40,37%**

Reino Unido: **+11%**

China: **+ 31%**

as vendas de combustíveis recuaram 18,1%, enquanto que o saldo com as vendas de carne bovina para o exterior cresceram 56%.

Por outro lado, as exportações



Valdo Virgo/CB/D.A Press

da Agropecuária e da Indústria Extrativa avançaram em relação a agosto de 2024. No caso da primeira, a variação foi positiva em 8,3%, causada, principalmente,

pelos bons resultados da soja (13%), do milho (4,6%) e do café (3%), em valores totais. Já a segunda registrou crescimento de 11,3%, com destaques para as vendas de petróleo bruto, que avançaram 14,2%.

Efeito tarifaço

O diretor ainda ressaltou que alguns dos principais produtores que tiveram queda nas exportações aos EUA em agosto não foram impactados pelo tarifaço, no final das contas, mas o receio do tarifaço pesou na balança ao final do mês, com a antecipação de mercadorias antes do detalhamento da nova alíquota. "Isso gerou incerteza entre os exportadores e tivemos crescimento da exportação para os EUA em julho, em 7%, e agora uma queda desses produtos e entre as principais quedas, até mesmo produtos não tarifados", frisou.

No caso das importações, houve um crescimento de 6,3% na aquisição de combustíveis em agosto, representando um valor de US\$ 2,8 bilhões no mês. Ao mesmo tempo, o setor de bens intermediários permaneceu praticamente estável, com avanço de 0,1%, enquanto que bens de capital de bens de consumo registraram queda de 10,1% e 9%, respectivamente.

Apesar do saldo positivo em agosto, no acumulado do ano, a balança comercial registra queda de 20,2%, com US\$ 42,8 bilhões de superávit. O setor de indústria extrativa é o que está sendo mais

penalizado, com queda de 4,9% nas exportações de petróleo bruto e de 13,4%, no caso do minério de ferro e seus concentrados.

Diversificação

Complementando os dados do Mdic, informações do governo federal mostram que, apesar dos desafios pontuais, as exportações brasileiras alcançaram recorde histórico nos primeiros oito meses do ano, totalizando US\$ 227,6 bilhões, superando em 0,5% o valor registrado no mesmo período de 2024.

A corrente de comércio acumulada atingiu US\$ 412,4 bilhões, crescimento de 3,2% em comparação com igual período de 2024, demonstrando a capacidade de adaptação do país diante das turbulências comerciais.

As exportações em agosto apresentaram crescimento expressivo para diversos mercados alternativos: Reino Unido (+11%), México (43,82%), Argentina (40,37%), China (31%) e Índia (58%). Foram registradas quedas em alguns destinos: Bélgica (-43,8%), Espanha (-31,3%), Coreia do Sul (-30,44%) e Singapura (-17,1%).

"Atribuo muito à antecipação que ocorreu em julho, quando houve a carta no dia 9 de julho afirmando que as tarifas iam aumentar em 50% e isso gerou incerteza entre exportadores e houve crescimento das exportações para os Estados Unidos de 7%", explicou Brandão sobre a volatilidade observada.

Exportadores vão a campo para tentar reverter tarifaço

Empresários brasileiros estiveram em Washington, nos últimos dois dias, na tentativa de reverter a taxa de 50% imposta pelo governo de Donald Trump. Na quarta-feira, houve uma série de visitas a autoridades estadunidenses e a participação na audiência pública referente à Seção 301 da Lei de Comércio que permite, ao Poder Executivo americano, apurar práticas comerciais que possam ser consideradas "desleais ou discriminatórias".

O dia de ontem foi marcado pelo evento Diálogo Empresarial Brasil-EUA, do qual participaram o presidente da CNI, Ricardo Alban (CNI), Neil Bradley (US Chamber), Abrão Árabe Neto (Amcham Brasil) e Lisa Schroeter (Dow). "Queremos que esse diálogo seja feito nos termos comerciais e econômicos e de forma racional e técnica. Vamos dar todos os elementos para que possamos começar a ter reuniões objetivas", afirmou Alban.

Houve rodadas de negócios com cerca de 80 empresários brasileiros e 50 norte-americanos, que compram os produtos brasileiros. A comitiva, liderada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), conta com representantes das federações das indústrias de Minas Gerais (FIEMG), Paraná (FIEP), Paraíba (FIEPB), Rio de Janeiro (FIRJAN), Rio Grande do Norte (FIERN), Santa Catarina (FIESC), Goiás (FIEG) e São Paulo (FIESP).

"O setor industrial brasileiro articulou com parceiros americanos para que também pressionem o

Divulgação/CNI



A missão chefiada por Ricardo Alban, presidente da CNI, tratou da reversão de tarifas sobre produtos brasileiros

governo dos EUA em busca de um consenso para superar a crise. Estamos trabalhando juntos para que ambos os governos se sentem à mesa e encontrem uma saída para esse impasse", afirmou o presidente da FIEMG, Flávio Roscoe.

"O resultado imediato é o fortalecimento da sinergia entre empresários e a construção de um trabalho conjunto que renderá frutos.

Acredito que esse esforço em cada país será capaz de mobilizar forças políticas na direção correta para superarmos essa crise", acrescentou Roscoe.

De acordo com o presidente da FIEG, André Rocha, a intenção da ação dos empresários é a de conseguir reduzir as taxas ou aumentar a lista de produtos isentos do tarifaço. "Estamos tratando com as

contrapartes, com a Câmara de Comércio Americana, a US Chamber, justamente para tentar reduzir as tarifas ou conseguir também uma nova lista de exceção".

Agricultura

Na audiência pública da quarta-feira, promovida pela Representação Comercial dos EUA (USTR, na



Queremos que esse diálogo seja feito nos termos comerciais e econômicos e de forma racional e técnica. Vamos dar todos os elementos para que possamos começar a ter reuniões objetivas

Ricardo Alban,
presidente da CNI

a importância do Código Florestal para o país e o respeito do produtor à legislação. E trouxemos outras evidências de que o crescimento do setor foi feito seguindo as regras do comércio internacional", declarou Suema.

A CNA já havia protocolado, no dia 15 de agosto, uma manifestação com argumentos técnicos para demonstrar a conformidade e a legalidade das políticas e práticas adotadas pelo Brasil relativas a 3 eixos questionados pelos americanos: "Tarifas Preferenciais", "Acesso ao Mercado de Etanol" e "Desmatação ilegal".

Durante o pronunciamento, Sueme Mori reafirmou o compromisso da entidade com a transparência, o diálogo e o comércio justo entre o Brasil e os EUA e falou sobre a representatividade dos mais de 5 milhões de produtores rurais de todas as cadeias e tamanhos.

Segundo Sueme, "a competitividade do agro brasileiro decorre de fundamentos legítimos, como os recursos naturais e investimentos contínuos em inovação, e não por práticas desleais de comércio".

Nesse sentido, a diretora destacou que a CNA rejeita qualquer alegação de que os produtos brasileiros dependam de práticas comerciais ou ambientais inadequadas para acessar o mercado americano.

"Os produtores rurais brasileiros operam sob normas rigorosas de conformidade, garantindo segurança, qualidade e transparência aos consumidores internacionais", disse. (EL)